



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

O DESENVOLVIMENTO FONOTÁTICO DO PB: EXPLICAÇÃO VIA MARCAÇÃO?

Jéssica Caroline Souza Aguiar
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: aguiar.jcs@gmail.com

Laís Rodrigues Silva Bockorni
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: laisbockorni@gmail.com

Maria de Fátima de Almeida Baia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mariadefatimabaia@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

Neste estudo, discutimos e verificamos o papel da marcação linguística no desenvolvimento das combinatórias fonotáticas iniciais do desenvolvimento linguístico do português brasileiro (PB). Para isso analisamos dados longitudinais de uma criança paulista (M) e de uma criança conquistense (L) de 1 a 2 anos.

Toda língua natural possui um inventário fonológico que é composto pelos fonemas que são permitidos nela. Esses fonemas são combinados entre si para formarem sílabas. A essa combinação dá-se o nome de fonotática, que é responsável por organizar os segmentos fonologicamente, delimitando quais podem ocorrer em posição de ataque, núcleo e coda de sílaba, por exemplo. No desenvolvimento linguístico inicial, embora a língua já tenha um padrão fonotático estabelecido, esse padrão tende a emergir de uma forma diferente na fala da criança, devido a questões como maturação, percepção do *input* linguístico, frequência de determinados padrões etc.

Uma das explicações propostas na literatura sobre o desenvolvimento fonológico e, conseqüentemente, o fonotático, está baseada na marcação. Proposto inicialmente por Trubetzkoy (1971), este conceito perpassou por várias mudanças ao longo do tempo e está presente em estudos de diversas bases teóricas como um elemento chave para o desenvolvimento. O referido autor apresenta, em sua obra, o conceito de marcação mais comum nos estudos iniciais, isto é, o membro marcado de um par é aquele que apresenta



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

uma característica não possuída pelo outro (e.g. um segmento vozeado, em oposição a um desvozeado, é naturalmente marcado).

Nos estudos gerativistas (CHOMSKY; HALLE, 1968), a marcação é apontada como elemento importante, pois os elementos não-marcados seriam considerados como o *default* da Gramática Universal (GU) e selecionados quando não há evidência no *input* que indique outra opção (CHOMSKY, 1981). A visão de marcação proposta pelo gerativismo foi inspirada pelos estudos de Jakobson (1929 [1941]). Contudo, há divergências entre a proposta jakobsoniana e a dos gerativistas, especialmente no que concerne à apresentação do conceito de marcação. Chomsky e Halle (1968) a expõem como uma hierarquia formalizada de características da GU, enquanto Jakobson (1929 [1941]), apesar de não explicitamente, como aponta Battistella (1996, p. 28), coloca a marcação na base de um sistema de universais implicacionais para o desenvolvimento da fala infantil. Não obstante, ambos os autores concordam que os elementos não-marcados seriam, geralmente, desenvolvidos inicialmente pelos sujeitos.

Especificamente sobre a fonotática inicial, temos a proposta de Davis e MacNeilage (1990, 1995) que propõem, após análise de dados iniciais em diversas línguas, que as produções iniciais do bebê seriam compostas por combinação de segmentos de uma mesma classe natural. Baia (2016) resume a proposta dos autores para as primeiras combinações iniciais da seguinte maneira: consoantes labiais e vogais arredondadas ou labializadas, consoantes coronais com vogais anteriores, e consoantes dorsais com vogais posteriores e dorsais. Dessa maneira, a proposta é de que a combinação não-marcada – universal – seria de segmentos de uma mesma classe natural.

METODOLOGIA

Em nossa análise, utilizamos dados longitudinais/naturalísticos de dois sujeitos em processo de desenvolvimento do PB, a saber: M., menino, da cidade de São Paulo, no período de 1;0 a 2;0 (SANTOS, 2005); e L., menina, natural da cidade baiana de Vitória da conquista, no período de 1;0 a 2;0 de idade¹. Os dados foram obtidos através de sessões

¹ Coleta de dados aprovada pelo comitê de ética do projeto maior “Padrões emergentes no desenvolvimento fonológico típico e atípico” (CAAE 30366814.1.0000.0055), coordenado pela professora doutora Maria de Fátima Almeida Baia.



mensais de cerca de 30 minutos cada e transcritos segundo o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) e o sistema CHAT/Childes de transcrição (MACWHINNEY, 2000).

Utilizamos a maneira de tabular as combinatórias iniciais utilizada por Baia (2016), a saber: CC (coronal + coronal), CD \bar{L} ² (coronal + dorsal labial), CD (coronal + dorsal), DC (dorsal + coronal), DD \bar{L} (dorsal + dorsal labial), DD (dorsal + dorsal), LC (labial + coronal), LD \bar{L} (labial + dorsal labial), e LD (labial + dorsal).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

São analisadas, no total, 2.619 combinatórias em 1.975 *tokens* de M. e 1.288 combinatórias em 896 *tokens* de L. No que se refere às combinatórias preferenciais de M., foi observado o seguinte ao longo das sessões:

Tabela 1: combinatórias de M. ³

M.	CC	CD \bar{L}	CD	DC	DD \bar{L}	DD	LC	LD \bar{L}	LD
1;0	0	0	0	2	0	20	8	0	0
1;1	0	0	4	7	0	4	9	6	16
1;2	10	0	4	1	0	27	0	0	40
1;3	3	1	1	1	1	40	4	2	24
1;4	5	1	2	0	0	15	0	40	70
1;5	5	1	3	0	1	7	9	34	22
1;6	26	19	15	3	4	32	40	63	32
1;7	19	18	76	6	16	40	51	24	64
1;8	33	55	48	3	13	30	14	21	22
1;9	54	46	70	18	23	31	53	14	26
1;10	36	36	64	12	19	45	30	37	25
1;11	43	17	82	8	13	60	32	30	49
2;0	53	29	109	30	15	27	71	34	41
Total	287	223	478	91	105	378	321	305	431

Fonte: autoria própria.

Como a **tabela 1** demonstra, a combinatória mais usada por M. foi a CD (478/19% dos dados), apesar de DD e LD prevalecerem nas sessões iniciais. Nos dados de L., observamos o seguinte:

² Seguindo Baia (2016), diferenciamos a dorsal [a] das dorsais labiais (arredondadas) [ɔ, o, u]. Além disso, não consideramos sílabas VV (vogal com semivogal) por causa do pequeno número de ocorrências.

³ Os quadros amarelos indicam a combinatória que prevaleceu na sessão.



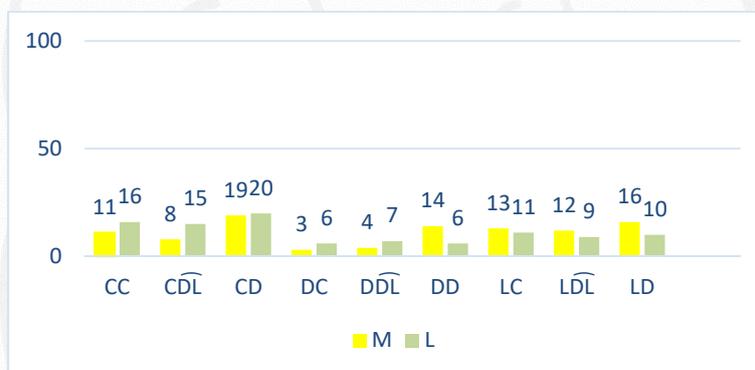
Tabela 2: combinatórias de L. ⁴

L.	CC	CDL	CD	DC	DDL	DD	LC	LDL	LD
1;0	0	0	1	0	0	0	0	0	12
1;1	0	1	4	0	0	0	7	0	3
1;2	12	3	25	0	6	2	17	6	11
1;3	1	0	1	0	0	0	2	1	6
1;4	2	4	4	4	6	0	3	8	3
1;5	0	3	1	3	0	0	2	0	2
1;6	3	1	5	2	9	8	8	4	8
1;7	23	22	3	6	1	1	6	4	15
1;8	10	6	16	4	3	2	2	5	10
1;9	27	12	10	10	12	4	5	12	7
1;10	55	39	100	12	15	13	58	20	20
1;11	29	57	37	24	8	8	6	28	24
2;0	39	49	43	14	36	39	29	29	5
Total	201	197	250	79	96	77	145	117	126

Fonte: autoria própria.

Assim como nos dados de M., L. apresentou mais combinatórias CD (250/20% dos dados), apesar de LD e LC também predominarem nas sessões iniciais. Dessa maneira, nenhuma das duas crianças, uma que desenvolve a variedade paulista e a outra que desenvolve a variedade conquistense do PB, mostrou preferência pela combinação de segmentos de uma mesma classe natural. O gráfico a seguir compara o total (%) de ocorrências de cada combinação levada em consideração na análise:

Gráfico 1: total (porcentagem) de combinatórias de M. e L.



Fonte: autoria própria.

Como o **gráfico 1** ilustra, as combinatórias preferencias de M. foram CD > LD > DD, enquanto que a de L. foram CD > CC > CDL. Logo, assim como observado por Baia (2016), nossos resultados não corroboram a afirmação de Davis e MacNeilage (1990,

⁴ Os quadros verdes indicam a combinação que prevaleceu na sessão.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

1995) de que combinatórias de segmentos de uma mesma classe natural seriam menos marcadas, isto é, mais frequentes e universais no desenvolvimento fonológico inicial.

CONCLUSÃO

Nossos dados de desenvolvimento típico indicam, como apontam os Sistemas Adaptativos Complexos (BAIA, 2016), uma intra e intervariabilidade intrínsecos ao percurso de desenvolvimento da fonotática e nos levam a questionar a noção de marcação. Ao nosso ver, se há influência de marcação, no sentido de padrões mais frequentes nas línguas do mundo, como defendido por Bybee (2010), podemos pensar na emergência da sílaba universal, mas não, necessariamente, de padrões combinatórios homogêneos como tem sido defendido.

PALAVRA-CHAVE: Desenvolvimento fonológico; Fonotática; Marcação linguística.

REFERÊNCIAS

- BAIA, M.F.A. Há tendência para agrupamento segmental em classes naturais no balbucio e nas palavras iniciais? **Gradus: Revista Brasileira de Fonologia Articulatória**, vol. 1, n. 1, p. 43-66, 2016.
- BATTISTELLA, E. **The logic of markedness**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- BYBEE, J. Markedness: Iconicity, economy, and frequency. In Jae Jung Song (ed.), **The Oxford handbook of linguistic typology** (pp. 131-147). Oxford, UK: Oxford University Press, 2010.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: harper & Row, 1968.
- DAVIS, B.; MACNEILAGE, P.F. The Articulatory Basis of Babbling. **Journal of Speech and Hearing Research**, 38, 1199 – 1211, 1995.
- JAKOBSON, R. **Child language, aphasia and phonological universals**. Paris: Mouton, 1972 [1941].



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

MACNEILAGE, P. F.; DAVIS, B. L. Acquisition of speech production: achievement of segmental independence. In: HARDCASTLE, W.I.; MARCHAL, A. (eds.) **Speech Production and Speech Modeling**. Dordrecht: Kluwer, p. 55-68, 1990.

MACWHINNEY, B. **The CHILDES project: Tools for analyzing talk**. 3rd edition. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

TRUBETZKOY, N. S. **Principles of Phonology**. Berkeley and Los Angeles: university of Carolina Press. 2nd ed. 1971.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO